

A Formação de Piraí: cidade destaque no apogeu do café.

Vanessa Monteiro de Abreu*¹

Resumo

No Brasil colonial do início do século XIX, devido à decadência dos produtos que sustentavam Portugal, outra atividade econômica foi experimentada a fim de sustentar o sistema agrícola. É nesse contexto que se inicia o cultivo das lavouras de café no Brasil. A princípio as plantações foram realizadas na cidade do Rio de Janeiro, porém o local não tinha a estrutura geográfica e a qualidade do solo não suportava tal atividade agrícola. O governo metropolitano decide então optar pelas vastas terras do Vale do Paraíba. Em torno da produção cafeeira várias cidades irão surgir. Uma delas é Piraí que vai ter seu desenvolvimento jurídico e administrativo acompanhados pelo preço e exportação do café. Quando o tráfico negreiro é proibido no Brasil, a força escrava, mão-de-obra utilizada nas lavouras, vai diminuir. O esgotamento do solo e a concorrência com o café produzido em São Paulo são fatores que vão contribuir para a crise da produção cafeeira no Vale do Paraíba, levando consigo todo desenvolvimento econômico adquirido nos tempos áureos do café. Desta forma, assim como o apogeu da cidade, seu declínio também vai estar ligado diretamente à cafeicultura.

Palavra-chave: Piraí – Café – Escravidão

Abstract

In the Colonial Brazil of the beginning 19th century, due to decay of products that supported the metropolis - Portugal - another economic activity was experienced in order to maintain the agricultural system. In this context that begins the cultivation of coffee crop in Brazil. Originally the plantings were made in the city of Rio de Janeiro, but this place does not have the geographical structure and soil quality do not support such agricultural activity. So, the metropolitan government decides to choose for the vast lands of Vale do Paraíba. Coffee crop around the various cities will arise. One of these cities is Piraí, where its

¹ Abreu, Vanessa Monteiro. Professora do Município de Piraí-Rio de Janeiro. Responsável pelo projeto: “Piraí: a formação da cidade e suas histórias”. Financiada pela Prefeitura Municipal de Piraí – Secretaria Municipal de Educação.

development legal and administrative will be followed by price and export coffee. When the slave trade was prohibited in Brazil, the force slave labor, used on farms, decreased. The soil impoverishment and competition with the coffee produced in São Paulo are factors that will contribute to the crisis of coffee production in the Vale do Paraíba, taking whit it all economic development acquired in the heydays coffee. Thus, as well as the heyday of the city, its decline will also be connected directly to the coffee cultivation.

Introdução

Sou professora de História do município de Piraí, trabalho com o ensino da disciplina para as turmas do segundo segmento do Ensino Fundamental. A ideia de desenvolver a pesquisa foi proposta pela coordenação de História da Secretaria Municipal de Educação. O trabalho é uma parceria entre as secretaria de Educação e Cultura. As pesquisas foram realizadas junto ao Arquivo Municipal da cidade objetivando um levantamento da documentação histórica da região. Esse levantamento é necessário uma vez que a história da cidade de Piraí consta no currículo básico do primeiro segmento do ensino fundamental e não existe apoio didático sobre o assunto produzido pelo município. A partir da pesquisa documental existente no município, o objetivo é reconstruir a história da cidade.

Além da questão curricular, a proposta visa melhorar o aproveitamento do material histórico existente na cidade. Esse material é, para muitos, desconhecido. Desta forma, a análise não se destina apenas a pesquisas acadêmicas, mas também, pode ser utilizada como fonte de reconhecimento da população da região. Fazendo com que os habitantes da cidade de Piraí e adjacências se conscientizem da importância da preservação da história local através de seus documentos e construções históricas.

O trabalho com a população da região começou a ser desenvolvido em sala de aula com alunos do 9º ano da Escola Municipal Epitácio Campos, situada no bairro de Caiçara. Os estudantes visitaram o Arquivo Municipal e puderam tomar conhecimento da documentação histórica referente à formação da cidade e do bairro onde vivem. Com as informações adquiridas criaram um jornal que foi distribuído para os moradores do entorno na escola. O

objetivo maior desse projeto escolar secundário, chamado “Caiçara se Reconstrói”, é montar uma sala de exposições na própria escola que poderá ser visitada por todos os moradores do município.

O projeto “Pirahy: a formação da cidade e suas histórias”, sintetizado nessa análise, inicia com um esclarecimento sobre região que é objeto do estudo. Trata do início da ocupação relacionada com a produção e crise mineradora cuja população vai escoar para as terras do Vale do Paraíba onde se localiza a cidade de Pirai.

Não é possível dissociar a história da cidade da produção cafeeira da região. Desta forma, o segundo momento trata da produção cafeeira partindo da cafeicultura realizada na cidade do Rio de Janeiro. Devido à impossibilidade da capital do império manter uma estrutura agrícola, a produção parte para o Vale do Paraíba. A produção cafeeira ganha força a partir do início do século XIX. Junto com o aumento produtivo vai ocorrer o aumento populacional e o crescimento econômico da região.

Trataremos do apogeu cafeeiro, sua relação com a evolução administrativa e jurídica da cidade de Pirai e a decadência produtiva devido à diminuição de mão-de-obra, ao esgotamento do solo e à concorrência com a cafeicultura paulista.

Para desenvolvimento do projeto foram necessários o apoio da Secretaria Municipal de Educação, na figura de Marcos Aurélio Gandra, coordenador de História e da Secretaria Municipal de Cultura, representada por José Maria Campos Lemos, responsável pela administração do Arquivo Municipal.

Pirai: a cidade do rio de peixes.

O nome dado à cidade é uma referência ao Rio Pirai. A origem é indígena tupi que significa “rio dos peixes”. Apesar da referência indígena, não existe, no município fontes históricas que indique de maneira precisa a que tribo pertenciam os nativos da região. Algumas bibliografias mencionam índios Puris e Coroados (AZEVEDO e ARAUJO, 1997: 14).

A história de Pirai, da criação do povoado até a e elevação à condição de cidade não poderia estar desassociada do elemento religioso com os instrumentos de integração social utilizados pela Igreja Católica. Foi a partir da fundação da pequena capela de Santana, entre os anos de 1770 e 1772 que ocorreu o surgimento do povoado de Santana do Pirai. E vai ser em torno dessa estrutura religiosa que o povoado vai chegar à condição de freguesia e mais tarde, de cidade.

O início da ocupação da região está intimamente ligado à extração de ouro na região das Minas. Durante o período em que essas atividades vão apresentar altos quantitativos de extração do metal, que vai ocorrer a partir da descoberta do ouro no final do século XVII até pouco antes do final do século XVIII, era na região do Vale do Paraíba que ficavam localizados os postos de abastecimento dos tropeiros que forneciam para a população das minas os mais variados gêneros alimentícios. Ao descobrir ouro na região de Minas Gerais, o governo português passou a desprezar a agricultura e dedicar-se exclusivamente a extração do metal precioso (MELLO E SOUZA, 2004: 65-66). Também chegavam à sociedade mineradora, através dos tropeiros, gêneros de vestuários. Tudo vindo do Rio de Janeiro e de São Paulo (AZEVEDO e ARAUJO, 1997: 13-14).

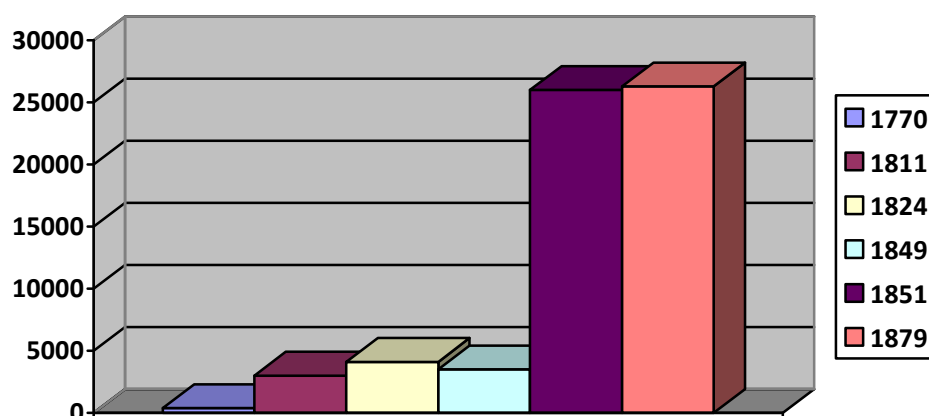
Ao final do século XVIII a extração de ouro no Brasil entra em franca decadência. Sobre a questão a autora Laura de Mello e Souza esclarece que, a média anual da produção de ouro no Brasil entre os anos de 1750 e 1754 que era de 15.760 quilogramas passa a cair consideravelmente nos anos que se seguiram, chegando a apenas 4.399 quilogramas a média anual entre os anos de 1795 a 1799 (MELLO E SOUZA, 2004: 74).

A crise na mineração faz com que os proprietários das minas se desloquem para as vastas terras do vale do Paraíba a fim de buscar uma nova fonte de lucros. Além dessas pessoas que pretendiam fazer riqueza com a agricultura, havia também aqueles menos abastados que tomaram posse de algumas terras, produzindo para subsistência. Somando com a população indígena que já habitava a localidade, indivíduos oriundos das minas.

Desta forma, a primeira contribuição para o povoamento da região é o transito das tropas saindo do Rio de Janeiro e São Paulo com destino à região das Minas. A outra contribuição é a decadência do processo de mineração.

As cidades que compõem a parte fluminense do Vale do Paraíba começaram a ser ocupadas a partir da crise da mineração, com a densidade demográfica aumentando consideravelmente no momento em que a região passou a produzir e exportar o café. Esse aumento populacional foi fomentado, sobretudo, pelo contingente escravo utilizado como força de trabalho na lavoura.

Com a cidade de Pirai não foi diferente: ocupação foi iniciada a partir de 1770, momento de criação do povoado e pico populacional ocorreu juntamente com os picos de produção cafeeira. O gráfico abaixo mostra o crescimento populacional de Pirai a partir do surgimento do povoado em 1770.



No momento da criação do povoado, a população que habitava a região era de 380 pessoas, segundo o Livro Tombo da Matriz de Santana. Anos mais tarde, em 1811, quando a produção de café já havia iniciado essa população passa para 3.000 habitantes de acordo com o Livro nº 01 Pastorais e Editais. Quando a produção cafeeira ganha força, no fim da primeira metade do século XIX a população salta de 3.500 habitantes no ano de 1849 para 26.003 em 1851 e 26.297 em 1879 segundo o arquivo estatístico da província do Rio de Janeiro dos respectivos anos².

A produção cafeeira no Vale do Paraíba

² A contagem populacional dos anos de 1770 até 1849 não incluía a população de negros e índios.

Piraí é uma cidade situada na parte fluminense do Vale do Paraíba, região que se estende ao sul do Rio de Janeiro até a parte leste de São Paulo e abriga inúmeras cidades dos dois estados. O Vale do Paraíba possui esse nome devido à proximidade com a bacia do rio Paraíba do Sul.

Desde a segunda metade do século XVIII, o plantio do café já estava sendo desenvolvido na cidade do Rio de Janeiro. Porém, com a chegada da família real à colônia 1808, a cidade não poderia suportar uma estrutura agrária.

O porto do Rio de Janeiro era um ponto estratégico de abastecimento de navios que partiam da Europa e dos Estados Unidos paravam para abastecer antes de seguir viagem rumo a Ásia ou África. O intenso comércio e o grande contingente populacional da capital do império que no ano de 1808 contava com aproximadamente 60.000 pessoas (MARTINS, 2001: 70) eram outros impeditivos para que o cultivo cafeeiro não se desenvolvesse mais na cidade, fazendo com que o Vale do Paraíba surgisse como opção.

A vasta quantidade de terras disponíveis, o solo, o clima e o relevo formam os outros fatores que contribuíram para o desenvolvimento do plantio do café no Vale do Paraíba.

Até meados do século XVII, o Brasil foi o maior produtor de açúcar do mundo. Mas desde então açúcar brasileiro veio perdendo mercado para o açúcar produzido nas Antilhas. Barbados foi a primeira ilha do Caribe onde se cultivou o açúcar para exportação em grandes quantidades, desde 1641. Tal como descreveu Josué de Castro, a partir da expulsão dos holandeses do nordeste brasileiro em 1654, já haviam estruturado seu controle sobre o açúcar antilhano iniciaram uma cruel disputa sobre o açúcar brasileiro. Como resultado, no fim do século XVII os preços caíram em 50% (GALEANO, 2009: 86).

Em contra partida à crise açucareira do Nordeste, veio a aparição de ouro em Minas Gérias que arrebatou a mão-de-obra excedente das plantações e alimentou os cofres da metrópole portuguesa. A extração de ouro, no entanto, proporcionou a Portugal poucos anos de apogeu devido à voracidade com que o metal era extraído. Iniciada no final do século XVII, a produção aurífera já mostrava sinais de crise a partir de 1770 (MELLO E SOUZA, 2004: 74).

Mais uma vez, a mão-de-obra escrava remanescente da mineração proporcionou um avanço de outro produto agrícola, o algodão cultivado no Maranhão “esgotados o ouro e o diamante do Sudeste, o Brasil parecia ressuscitar no Norte” (GALEANO, 2009: 125). Porém, o algodão produzido no Maranhão, mesmo em grande ascensão, não poderia proporcionar à metrópole portuguesa os mesmos lucros que o açúcar e o ouro proporcionaram, uma vez que havia forte concorrência com o algodão produzido nos Estados Unidos em terras de melhor qualidade e com meios mecânicos para descascar e enfardar o produto.

Desta forma, todos os produtos de exportação, que geravam riqueza para a metrópole entraram em decadência, sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII. Temos então um quadro bastante preocupante para Portugal. Seria necessário que existisse um produto de fácil aceitação no mercado europeu. Esse produto seria o café que tinha seu preço em grande ascensão no mercado europeu e seu sabor tinha conquistado um grande número de apreciadores nos Estados Unidos.

Percebendo que o café era agora o principal produto de exportação do Brasil e que a região aonde se desenvolveria esse cultivo seria o Vale do Paraíba, D. João VI passou a distribuir sesmarias para aqueles que se interessassem na plantação do produto. Porém, a corte portuguesa, recém-chegada ao Brasil estava falida e precisava do apoio financeiro e político da elite colonial. Desta forma, as vastas terras do Vale do Paraíba foram concedidas a grandes agricultores, altos funcionários da corte e influentes comerciantes ligados a eles, favorecendo as elites em detrimento do pequeno camponês.

Nesse contexto vimos o surgimento das famílias Breves e Gonçalves de Moraes, umas das maiores produtoras de café do Brasil. Com a doação as sesmarias por D. João VI, essas famílias formarão a elite detentora do poder em Piraí. Entre esses produtores podemos citar Joaquim José de Souza Breves, apresentado como maior cafeicultor do Brasil, possuindo cerca de 6 mil escravos e 30 fazendas das quais saíam 100 a 200 mil arrobas de café por ano (AZEVEDO e ARAUJO, 1997: 48).

O poder dessas famílias era tamanho que chegava a ocorrer certo enfrentamento com a corte imperial e mantinham um poder paralelo em suas fazendas. Davam preferência à vida no interior de suas terras onde podiam desfrutar dos mesmos luxos da vida na capital.

Desenvolvimento da cidade e sua relação com a produção cafeeira.

No limiar do século XIX, a população piraiense vai ansiar para que o povoado passasse à condição de Freguesia. Até conseguir essa elevação, o povoado de Santana do Pirai pertencia a Freguesia de São João Marcos, nomeada até o século XIX como São João Príncipe. Essa região configurava como uma das maiores produtoras de café do Brasil do século XIX e também uma das mais ricas do país. A importância da cidade foi tão grande que em 1939, São João Marcos foi tombada pelo antigo Sphan (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Porém, o esplendor desfrutado no século XIX começa a decair no início do século XX.

Com a chegada do novo século, a necessidade progresso e modernidade atingem a capital do Brasil. Para fornecer energia elétrica para a cidade do Rio de Janeiro engenheiros da empresa que fornecia eletricidade para a região decidiram aumentar a capacidade da Hidrelétrica de Ribeirão das Lajes, principal fonte de energia do Rio de Janeiro. Esse aumento consistia em inundar as terras de São João Marcos. Desta forma, em 1940 a cidade é “destombada” pelo governo de Getúlio Vargas seguido de desapropriação das terras e destruição das construções para ser tomada pelas águas de Ribeirão das Lajes.

O desejo da população de Santana do Pirai de se tornar freguesia, desvinculando-se de São João Marcos começaria a ser concretizado no momento da visita do Bispo Dom José Caetano da Silva Coutinho. O clérigo era bispo do Rio de Janeiro e Capelão Mor do Príncipe Regente em 1808. Em seus apontamentos, Dom José verifica a necessidade de designar um sacerdote para realizar todos os ofícios paroquiais da Capela de Santana, uma vez que na região havia um grupo de aproximadamente 3.000 pessoas que solicitavam um pároco³. As queixas dos moradores vão girar em torno da falta de apoio espiritual e também da distância entre Pirai e São João Marcos, Freguesia que a capela era então subordinada. Essa distância figurava nos apontamentos de Dom José como de 8 léguas, equivalente a 53 quilômetros

³ Livro nº 01 de apontamentos particulares de Dom José Caetano da Silva Coutinho do ano de 1808-1813, fls. 148 e 148vº - Arquivo Municipal de Pirai.

aproximadamente. Devido a essa distância havia moradores que não tinham recebido o sacramento do batismo. Sendo assim, em outubro de 1811 a Capela de Santana tornou-se uma capela curada e seis anos mais tarde, em 1817, ascendeu à categoria de freguesia (IBGE, 1948: 4).

Passados vinte anos após a criação da Freguesia, devido a sua prosperidade econômica, o governo da província decide dar a região autonomia e a eleva à condição de Vila:

Art. 1º - É erecta em – Villa -, com a mesma denominação, a freguesia de Sant'anna de Pirahy; ficando nella creada uma Camara Municipal e todas as autoridades judiciárias e empregados, como nos demais municípios (Lei provincial nº 9, 1837).

A passagem da condição de vila para a condição de cidade demorou mais de 30 anos. Essa demora pode ser explicada a partir do poder exercido pelas grandes famílias da região. Acreditava-se que criação da cidade traria consigo um embate entre a força administrativa, legalmente instituída e o poder local (AZEVEDO e ARAUJO, 1997: 48). Apenas em 1874 essa transição foi possível. Através do decreto provincial nº 2041 de 17 de outubro de 1874 a Vila de Santana do Piraí adquiriu o título de cidade.

Neste momento produção de café entrava em seu período de decadência devido à falta de mão de obra escrava provocada pela Lei Eusébio de Queiros de 1850, que proibia a vinda de escravos da África para o Brasil, ao esgotamento do solo e ao surgimento da cultura cafeeira no Oeste Paulista que utilizava tecnologia mais desenvolvida e mão-de-obra livre.

O movimento pelo fim da escravidão surgiu no Brasil de fora para dentro, sob forte pressão da Inglaterra. Segundo historiador inglês Eric Williams o sentido da pressão inglesa residia na formação de um mercado consumidor capaz de suprir a necessidade de consumo de seus produtos industrializados (WILLIAMS, 1975: 143). O movimento abolicionista também foi embasado por ideias liberais e ilustradas vindas da Europa começou a ganhar força a partir da segunda metade do século XIX.

Outro fator concorreu para o fim da escravidão no Brasil surgiu no seio do governo. O partido liberal também foi um dos responsáveis por exercer forte pressão no governo em prol

do fim da escravidão. Em 1868, uma crise política culmina em um manifesto do partido liberal reivindicando uma série de medidas que iam contra o governo instalado. Eles queriam entre outras coisas a emancipação gradual dos escravos (COSTA, 2007: 165).

O segundo fator incorpora os interesses dos cafeicultores do Oeste Paulista. Devido à crise do plantio de café no Vale do Paraíba, ocasionado entre outros motivos pela utilização de mão-de-obra escrava, uma vez que o tráfico de escravos foi proibido a partir de 1850, muito embora houvesse comercialização de escravos no mercado interno, os números não eram suficientes para a manutenção do sistema. Desta forma os fazendeiros do Oeste Paulista decidiram paulatinamente substituir a mão-de-obra escrava pelo trabalho livre, utilizando a força de trabalho imigrante e pressionando o governo a incentivar a imigração:

A partir de 1850, com a cessão do tráfico e o aumento crescente dos preços de escravos, o problema da substituição do escravo pelo trabalhador livre era tanto mais grave quanto a diminuição da oferta de mão-de-obra escrava coincidia com a expansão das lavouras cafeeiras do sul do país. As dificuldades de obtenção de mão-de-obra escrava estimulariam as tentativas de substituição do escravo pelo imigrante (COSTA, 2007: 253).

Os cafeicultores do Vale do Paraíba, mais tradicionais, recusavam-se a utilizar a mão-de-obra imigrante.

Além desses fatores, existia também a Lei do Ventre Livre, promulgada em 1871, que juntamente com a proibição do tráfico de escravos em 1850, deixava claro que a mão de obra escrava deixaria de existir como forma de trabalho. Mas mesmo diante de tantas transformações e vantagens do trabalho livre sobre o trabalho escravo, a grande maioria dos fazendeiros não se arriscaram, inicialmente, a se inserir neste novo sistema mão-de-obra. Como é o caso dos fazendeiros fluminenses.

Fica claro que um sistema fundamentado na utilização de mão-de-obra escrava, com o surgimento de leis restritivas à escravidão a partir de meados do século XIX estaria fadado à decadência.

É importante enfatizar que a escassez de mão-de-obra não é a única razão para justificar a decadência da cultura cafeeira do Vale do Paraíba. A região de Pirai, local de cultivo antigo, já se encontrava com seu solo desgastado. A concorrência com o café que começa a ser produzido em São Paulo no século XIX torna-se desleal. Uma vez que os cafeicultores paulistas utilizam técnicas de cultivo mais desenvolvidas além da mão-de-obra livre.

Marcada passagem de grandes momentos da história econômica do Brasil, a cidade de Santana do Pirai passou a denominar-se apenas Pirai através de um decreto estadual de 3 de junho de 1892 (IBGE, 1948: 8).

Considerações finais

A história da formação de uma cidade é desconhecida para muitos de seus habitantes. O desenvolvimento desse projeto revela acontecimentos esquecidos no meio de papéis cobertos por poeira, danificados pelas traças, desgastados pelo tempo.

Início do século XVIII, os tropeiros se encaminham para abastecer a população da região das minas carregados de alimentos, utensílios, vestuário, utilizando as suas estradas. Décadas mais tarde, devido ao esgotamento do ouro essa mesma população migra para as suas terras em busca de uma nova fonte de riqueza. Os princípios mercantilistas impunham que o Brasil, colônia de Portugal, produzisse um gênero agrícola de grande aceitação no mercado externo. Está montada a estrutura que deu origem a uma das mais prósperas cidades do Vale do Paraíba: Pirai.

Toda a história de formação da cidade desde o surgimento do povoado em 1770 até a elevação à condição de cidade em 1874 esta relacionada com o histórico econômico do Brasil Colônia / Império.

A crise na produção açucareira e mineradora concorreu diretamente para o aparecimento de Pirai na história. O apogeu adquirido a partir dos anos de 20 do século XIX com a produção cafeeira resultou na criação da Freguesia de Santana do Pirai que foi transformada em vila em 1837.

Região sede das mais ricas e produtivas fazendas do Brasil, a vila se torna cidade apenas em 1874 devido à força do poder local de seus grandes latifundiários que não queriam concorrer com o poder legalmente instituído. A queda na exportação do café já estava ocorrendo neste momento. O governo brasileiro cedeu às pressões inglesas e proibiu a vinda de escravos africanos para o Brasil em 1850. Somado a isto, a utilização predatória do solo e a concorrência com o café produzido no Oeste Paulista nos mostra que a cultura cafeeira da cidade de Pirai e do Vale do Paraíba como um todo não vai suportar a passagem para o século XX. Desta forma, a cafeicultura fluminense dá seus últimos suspiros, levando consigo a economia da cidade de Pirai e de várias outras cidades vizinhas.

Bibliografia

Almanak Laemmert Ano de 1879 – Município de Pirai.

Arquivo Estatístico da província do Rio de Janeiro – Primeira Publicação – 1851.

AZEVEDO, André Nunes de e ARAUJO, Valdinei Lopes. **A História de Pirai**. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

COSTA, Emilia Viotti da. **Da Monarquia a República: momentos decisivos**. 8ª edição. São Paulo. UNESP, 2007.

Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil – J.P. Aillaud – vol. 2 – ano de 1845.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. São Paulo: Paes e Terra, 2009.

Lei Provincial nº 9, de 6 de dezembro de 1837 – Arquivo Municipal de Pirai.

Livro de Provisões e Cartas 1815-1859 – s/ numeração – Arquivo Matriz de Santana.

Livro nº 01 de apontamentos particulares de Dom José Caetano da Silva Coutinho do ano de 1808-1813, fls. 148 e 148vº - Arquivo Municipal de Pirai.

Livro nº 01 Pastorais e Editais 1742-1838, folhas 168/169 – Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

Livro Tombo da Matriz de Santana, folhas 84vº/85 (1906 ...) – Arquivo Matriz de Santana – Pirai.

MARTINS, Luciana de Lima. **O Rio de Janeiro dos viajantes**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

MELLO E SOUZA, Laura de. **Desclassificados do Ouro**: a pobreza mineira no século XVIII. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

Sinopse Estatística do Município de Piraí. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: 1948.

WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e escravidão**. Rio de Janeiro. Americana, 1975.